

Sarney é cumprimentado por populares na inauguração do memorial em Juazeiro

ESTADO DE SÃO PAULO

23 AGO 1988

# Sarney diz que pediu ao papa pelo padre Cícero

RODOLFO SPINOLA

**JUAZEIRO DO NORTE** — Cerca de 20 mil pessoas ouviram ontem, na praça do Socorro, em Juazeiro do Norte, o presidente José Sarney dizer que nunca explorou a miséria do povo para fazer política. Programas como a distribuição gratuita de leite, segundo ele, "não são gestos políticos, mas uma ação direta do governo".

Sarney foi a Juazeiro inaugurar o Memorial Padre Cícero e, apesar do calor de quase 40 graus, descobriu rapidamente a fórmula de emocionar a multidão. Lembrou que, em sua última viagem a Roma, pediu ao papa João Paulo II a revisão do processo de suspensão das ordens religiosas do padre Cícero Romão Batista. Foi o suficiente para arrancar demorados aplausos de todos.

Durante a cerimônia, o presidente passou também por alguns momentos de constrangimento — como quando, ao discursar, o governador Tasso Jereissati reclamou da discriminação que sofre toda vez que vai a Brasília: "Presidente, me permita uma irreverência, uma confissão. Quando chegamos a Brasília, observamos com nitidez uma discriminação muito grande. Nos gabinetes dos ministérios, os seus burocratas quase chegam a dizer: Lá vem aquele go-

vernador chato em busca de dinheiro".

Tasso reclamou ainda do tratamento dado pelos meios de comunicação do Centro-Sul do País, "que geralmente mostram o Nordeste como uma terra de famintos, esquecida". O governador garantiu que mudará este quadro "para algo melhor, mais digno".

Foi graças ao governador do Ceará que Sarney pôde contornar uma gafe cometida durante seu pronunciamento. O presidente trocou o nome do deputado Mauro Sampaio, um dos principais políticos da região, por Mauro Bezerra, numa referência inconsciente à família Bezerra, adversária de Sampaio. Tasso, que estava ao seu lado, fez a correção para Sarney, em seguida, citar o nome de Mauro Sampaio inúmeras vezes.

## SEGURANÇA

Quando o presidente desembarcou, às 10h50, no aeroporto regional do Cariri, havia entre as autoridades locais grande expectativa em relação à presença de manifestantes do Partido dos Trabalhadores e do clandestino Partido Revolucionário Operário. A segurança presidencial também acompanhava com exagerada atenção a movimentação de estranhos nas proximidades do aeroporto. Dois ônibus foram barrados pela polícia perto do município de Russas.

Antes de começar a cerimônia, um grupo de 120 índios tacaratu, de Petrolândia, tentou chamar a atenção de Sarney para pedir a regularização de suas terras. Não tiveram êxito. A prefeitura de Fortaleza distribuiu nota comunicando que a prefeita Maria Lúiza permaneceria em jejum enquanto o presidente estivesse em solo cearense.

A comitiva presidencial foi integrada pelos ministros Bayma Denys, da Casa Militar; João Alves, do Interior; Vicente Fialho, da Irrigação; Prisco Viana, da Habitação, e Celso Furtado, da Cultura.

Segundo o prefeito de Juazeiro, Manoel Salviano, o Memorial Padre Cícero representa o marco inicial de "uma nova era cultural e educacional da região do Cariri". Ele ocupa uma área de 25 mil metros quadrados, onde estão um museu, anfiteatro, biblioteca, salão de convenções, cabine de projeção e terminais de computador. O acervo conta com mais de 180 livros e opúsculos editados sobre o padre Cícero, além de recortes de jornais e revistas. A obra foi executada em 18 meses.

**A íntegra do discurso do presidente Sarney está na página 32**

## Caudilho messiânico, o santo do Nordeste

Santo milagreiro ou caudilho messiânico? Padre Cícero Romão Batista foi as duas coisas: santo para os fiéis devotos, que até hoje esperam sua volta, num sebastianismo alimentado pela miséria e ignorância endêmicas nos sertões nordestinos; o último dos grandes coronéis do Nordeste para seus detratores, que vêem nele um político carismático, que levantou em armas os 50 mil habitantes de Juazeiro do Norte, homens, mulheres, velhos e crianças, se aliou e deu título de capitão a Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, em 1926, para combater a Coluna Prestes, foi prefeito, deputado federal e vice-presidente do Ceará.

Nascido no Crato em 24 de março de 1844, foi ordenado padre em 1870, contra a vontade do reitor do seminário lazista da cidade, que considerava heréticas algumas de suas manifestações místicas — dizia ter visões premonitórias — e por pressão de seu padrinho, o coronel Chevalier, para quem o afilhado era "pirrônico e apendorado a visionices". Dois anos depois chegou a Juazeiro, então um povoado com não mais de 50 choças e uma capela, de Nossa Senhora das Dores. Logo tratou de erguer um templo maior, onde ocorreu o primeiro grande "milagre" de uma série que lhe foi atribuída: numa sexta-feira de março de 1889, a beata Maria do Araújo acabara de comungar quando devolveu às mãos do padre a hóstia, ensanguentada. Como o fenômeno se repetiu, foi submetido ao exame de uma comissão da Igreja, que concluiu não passar o fato de pura charlatanismo.

A partir desse "milagre", o lugar começou a atrair romeiros de todo o Nordeste, em busca de bênçãos e de trabalho, num ano de seca especialmente acentuada. Proprietário de vastas áreas de terra, doadas por seguidores ricos, padre Cícero foi acusado não só de explorar a mão-de-obra de uma legião de miseráveis em suas plantações, mas também de agenciar trabalhadores braçais por salários vis para latifundiários vizinhos, com promessas de felicidade extraterrena.

Suspensos das ordens religiosas pelo Vaticano, viajou a Roma, em 1898, para defender sua causa, em vão. Mas voltou carregado de "santinhos" benzidos pelo papa Leão XIII, que distribuiu entre os pobres que o idolatravam, aumentando sua aura de santidade. Foi excomungado pelo papa em 1916.

De volta a Juazeiro, de onde se recusou terminantemente a



Reprodução AE

**Padre Cícero: poder e fé**

sair, recebeu a influência do médico baiano Floro Bartolomeu da Costa, um aventureiro atraído pela mina de cobre de Aurora, adquirida pelo padre. Floro aliou-se à família Acioli, que dominava politicamente o Ceará, conseguiu elevar o povoado a município e fez do padre Cícero seu prefeito. Depois, elegeu-se deputado com o apoio da multidão de deserdados, quando Franco Rabelo assumiu a presidência do Ceará. Convencido por Floro, padre Cícero liderou um levante popular comparado ao de Canudos.

Com a morte de Floro em 26, o padre entrou em declínio político e recebeu o golpe de misericórdia com a Revolução de 30. Morreu quatro anos depois, mas sua decadência política e sua morte em idade avançada (aos 90 anos) não impediram a devoção popular, que continua até hoje em todo o interior do Nordeste. As paredes das casas humildes do sertão têm sempre uma fotografia dele ao lado de algum quadro de Nossa Senhora das Dores e as romarias para Juazeiro do Norte se sucedem. Ao anunciar o pedido de revisão da suspensão das ordens do padrinho de todos os sertanejos, o presidente José Sarney sabia muito bem que estava fazendo soar boa música no ouvido de sua atenta platéia.